

A Produção Criativa de Textos no Curso de Tradução: a ênfase no processo

Profa. Ms. Cirlana Rodrigues de Souza¹ (UFU)

RESUMO: A Produção Criativa de Textos, no Curso de Tradução, tem como objetivo promover situações que desenvolvam a expressão oral e escrita dos alunos, por meio da linguagem criativa em textos produzidos em veículos como cinema e literatura. Tendo como plano de expressão e criação a língua portuguesa, a ênfase é sobre a criação como processo, partindo de um texto primeiro, movimento singular do ato de traduzir. Abordaremos, neste texto, em específico, três processos criativos realizados: a relação filme e texto literário, a leitura de poemas e as diferentes possibilidades de leitura e escrita de um mesmo tema.

ABSTRACT: The Creative Production of Texts, in Translation Course, aims to promote situations that develop students' writing and expression through the creative language in texts produced in languages such as cinema and literature. The Portuguese language is our plane of expression and creation and the emphasis is on the creation as a process and it's starting from a text first, singular movement of the act of translating. We will discuss in this text, in particular, made three creative processes: the relationship between film and literary text, the reading of poems and the different possibilities of reading and writing on a theme.

1. Introdução

A disciplina Produção Criativa de Textos, do 3º período do Curso de Tradução, da Universidade Federal de Uberlândia, tem como seus objetivos gerais: desbloquear no aluno situações que inibem o ato de expressão oral e escrito originários da formação escolar anterior; fazer com que o aluno reflita sobre sua ação: produção e criação de texto; levar o aluno a produzir textos verbais e não verbais e conhecer a palavra pela emoção, razão, imaginação e sensibilidade; e, também, desenvolver o desejo de escrever. Acreditamos que essas habilidades contribuam para a atuação do tradutor: transitar sobre textos de uma língua para outra, onde ser uma produção de criação é o primordial do ato linguístico de traduzir e não, meramente, passar uma palavra de um idioma ao outro.

Para isto, trabalhamos, de forma geral, com o contraste entre o mundo e a palavra, com o fazer textual e o fazer contextual, a escrita do icônico e do verbal e a polissemia na escrita dos textos verbais e não verbais, em atividades que possibilitam ao aluno o manejo do signo verbal e não verbal, leituras polissêmicas como suporte do processo criativo e a produção de textos dos mais variados tipos, tendo como base as unidades anteriores.

Neste contexto de ensino, a língua portuguesa é o veículo para promoção de situações que desenvolvam essa expressão oral e escrita dos alunos. O foco dessa disciplina, vale ressaltar, não é o estudo de gêneros textuais, mas as diferentes manifestações de linguagem criativa, entendendo criatividade como a capacidade dos indivíduos de produzir utilizando-se de diferentes recursos além dos cognitivos e por meio de diferentes processos.

A partir da reflexão e criticidade em relação ao mundo e aos fatos de linguagem, a proposta é a utilização de diferentes manifestações textuais como cinema, literatura, música, pintura e poesia para alcançar os objetivos mencionados anteriormente

Na sequência à nossa breve discussão teórica do fazer do tradutor, tendo por base a transposição, a criatividade e a singularidade, faremos um breve relato da experiência de aula nessa disciplina, especificando os diferentes textos utilizados e as produções dos alunos a partir da abordagem desse material. Mais do que um produto final, a busca é pela interação do aluno com diferentes produções e o modo de construção dessas produções.

De modo sucinto, serão descritos três processos criativos: a relação filme e texto literário, a partir da exibição do filme *Orgulho e Preconceito* e da leitura da obra literária homônima, de Jane Austen; a leitura de poemas, objetivando a expressão oral; e as diferentes possibilidades de leitura e escrita de um mesmo tema.

Pensar a produção criativa de textos, em um Curso de Tradução, é apostar na criatividade como recurso do tradutor, além daqueles linguísticos da língua portuguesa e da língua estrangeira em questão, onde

¹ Email: cirlanarodrigues@yahoo.com.br

criar é uma “escritura”, como nos mostrou Derrida (1971) enfatizando que traduzir não é apenas transcrever um texto em outro idioma. Sua ênfase é em *uma escritura produtiva predestinada pelo texto original*. Produzir um texto, a partir de um elemento primeiro – o texto original – é criar. Ou seja, para a Tradução escrever é criar e não reproduzir um texto em outra língua.

Vale ressaltar, que nossos apontamentos teóricos não visam à discussão dos princípios da Tradução, pois não é objetivo da disciplina teorizar sobre esta ou sobre processos criativos, mas possibilitar aos alunos a experiência de transpor elementos singulares de um texto para o outro, em um processo criativo.

2. A tradução e o tradutor

Partir de um ideal de desconstrução, na Tradução, não é sustentar a impossibilidade de traduzir, de transferir um texto de uma língua para outra. Ao contrário, a proposta é desmontar um texto para uma aproximação às relações entre seus elementos linguísticos, a uma leitura de sua criação em que essas relações são retomadas em outra língua.

De modo geral, os estudos da Tradução transitam entre a fidelidade ao texto traduzido, a possibilidade de interpretação desse texto em que seu sentido completo não seria o fundamental a ser traduzido, e a proposta de que o texto traduzido seria um texto outro, mantendo as idéias do texto original e seu estilo. Mas, nosso interesse incide sobre os modos de fazer do tradutor, este como sendo um modo de fazer, no sentido de criar sobre um mesmo a partir da licença que a língua dá ao tradutor de ser criativo sobre esse texto primeiro, que deve ser retomado: relação de tensão entre o singular e o diferente. Aliás, relação própria do campo da linguagem a qual o ato de traduzir não escapa.

Lançamos mão, aqui, de uma simples definição de tradução, do ato de traduzir: “[...] traduzir é uma atividade de transposição [...]” (FUKS, 2009, p.72). Transposição como tentativas de significar o mesmo em outra língua e que vai deixando marcas da língua original para trás. Pois, é do próprio funcionamento da língua não ser apreendida como um todo, mesmo na tentativa de transportar o sentido de uma língua para outra.

Assim, o tradutor é aquele que realiza este movimento de transpor o sentido de um texto de uma língua para outra², sendo capaz de suportar o não dar conta de tudo em nenhuma língua, usando, para isto, sua criatividade, a possibilidade de criar e manter o singular, trabalhando com a alteridade, com a diferença.

Em uma leitura sobre a reflexão desconstrutivista acerca da Tradução, proposta por Derrida, Santos (2010) esclarece que:

[...] o tradutor escreve a partir de um original, ultrapassando o limite do que o autor “quis dizer” ou pretendeu escrever nas entrelinhas de seu texto. Mas sem que isso seja uma escolha, um transgredir voluntário. Ao contrário, o que pretende o leitor e o tradutor – sua tarefa, seu desejo – é “captar” o sentido depositado no texto, protegê-lo em suas margens, em suas molduras, lutar pela sua unidade e transportá-la, de preferência sem perda considerável, para sua língua de chegada, a língua da tradução. (p.107)

Esta captura do sentido é o que, aqui, objetivamos com uma produção criativa e singular a partir de um texto, também, singular.

3. A criação e a criatividade

Criação, conforme a abordagem filosófica de Ferrater-Mora (2000) é a:

produção humana de algo a partir de uma realidade preexistente, mas de forma que o produzido não se encontre necessariamente nessa realidade; produção natural de algo a partir de algo preexistente, mas sem que o efeito esteja incluído na causa ou sem que haja uma estrita necessidade desse efeito [...]. (Tomo I, p.608)

² Em nossa proposta, transpor o sentido de uma linguagem para outra.

Interessa-nos, dessas definições filosóficas de criação, seu aspecto definidor de sempre advir de algo preexistente resultando em algo diferenciado da realidade primeira: transposição entre uma realidade e outra.

Para o ato de traduzir, cabe este caráter de criação, pois ele se constitui entre dois planos da realidade linguística: um texto de partida e um de chegada, o que torna o ato de traduzir um ato criativo. Nesse ato, a criação não deve se sobrepor ao singular do texto original, mas, sim, ser o ato criativo de traduzir textos um ato de transposição desse singular de um texto ao outro, o que caracterizaria ser um texto traduzido e não um texto original.

Essa transposição do singular pode ser sustentada na perspectiva de singularidade como criação de novos possíveis, conforme Pacheco (1996): “[...] emergência de verdade – produção do novo, logo criação. Criação é, no retorno do sujeito ao simbólico, fazer uma rearrumação de suas sobredeterminações, modificando a situação já dada. É liberdade possível para o falante” (p.95). Para o ato de traduzir, é a liberdade possível para o tradutor, na medida em que ele fará, sempre, uma rearrumação de elementos linguísticos, produzindo um texto novo (e outro), daí ser uma criação, mas sobredeterminada pelas relações dos elementos dos textos originais. Podemos, aqui, fazer um paralelo com o dizer de Derrida entre sobredeterminação e predestinação: pela estrutura do texto inicial, estaria o texto final determinado e destinado a ser o que ele é, trazendo, em si, o singular, o novo que é possível. Importante, então, é tomarmos o singular como da ordem do inerente ao texto original, que é retomado, na criação, no texto final, fazendo deste texto o traduzido.

3.1 O tradutor criativo

Como abordamos, anteriormente, alguns termos são considerados, por nós, como fundamentais no que tange à Tradução e sua relação com a produção criativa de textos. A saber: transposição, criação, criatividade e singularidade. Desta maneira, o ato de traduzir um texto poderia ser tomado como um ato de transposição criativa de elementos singulares de um texto original para um texto novo, sendo, este último, também singular e criativo.

Cabe, então, um breve apontamento sobre o tradutor, pois estamos lidando com uma disciplina, em um curso de formação, onde o foco é promover o aspecto criativo de uma produção textual para os alunos.

Um ponto importante é levar o aluno a apreender essa característica do ato de traduzir: não apenas passar um texto de uma língua para outra, mas transpor o singular para outro texto, melhor dizendo, criar. Neste sentido, é que podemos vislumbrar a formação de tradutor criativo como aquele capaz de identificar o elemento singular de um texto e, ao transpô-lo para outro texto, em outra língua, cria um texto novo, também singular. Esta criatividade se sustenta no fato de que cada língua, a partir de um sistema fundamental, tem sua própria organização e elementos necessários para traduzir um sentido singular de um texto.

4. Experiência em sala de aula: “*Me faltou a palavra*”

Ao propor diferentes atividades de produção criativa de textos, em língua portuguesa, que não fossem de traduzir textos, pois este não é o objetivo da disciplina, o fundamental foi possibilitar aos alunos a experiência de transpor o sentido de um texto para outro texto, tomando texto como toda e qualquer unidade de linguagem dotada de sentido e em uso, verbal e não verbal. Sobre o sentido de um texto, tínhamos como foco o singular: aquilo que fazia daquele texto aquele texto e não outro, o que deveria, então, ser transposto, considerando sempre os elementos do texto de chegada³.

4.1 Primeira atividade:

A primeira atividade consistiu em uma análise comparativa e descritiva entre o livro de Jane Austen “Orgulho e Preconceito” e o filme homônimo, em versão de 2005.

Nessa atividade, solicitamos aos alunos a leitura da obra literária e que, também, assistissem ao filme supracitado. O objetivo era a comparação, a partir da descrição de alguns elementos textuais do livro, de como o singular da obra de Austen, os elementos característicos da história narrada em linguagem literária, foram transpostos para a linguagem fílmica, como questões acerca do conteúdo, do tema desenvolvido, caracterização das personagens, contextualização da história, entre outros. Um ponto significativo, para a

³ Seguem recortes dos trabalhos realizados pelos alunos da disciplina, 2011/01.

produção dessa análise, era o fato de que o texto fílmico conta com a imagem (representação visual) como recurso às descrições e narrativas verbais da linguagem literária, o que possibilita a condensação, em poucas cenas, de páginas e páginas de narrativa literária⁴. Também, um aspecto observado nessa atividade, foi o manejo dos dois textos, pelos alunos: uns transitaram, pelo recorte que fizeram, entre ambos os textos, outros ficaram presos a um ou outro texto, não conseguindo ir de um ao outro. Ou seja, em nosso objetivo de transpor sentidos, o singular, de um texto ao outro, nessa atividade, ainda não foi efetivada por alguns alunos.

Seguem trechos de uma análise-comparativa realizada por um dos alunos

O aluno abordou o filme como *adaptação cinematográfica* do livro já demonstrando a apreensão do que é transpor o mesmo sentido por diferentes linguagens. Neste trabalho, observamos a alternância das descrições de cenas do livro e do filme apontando o diferente em cada uma e aquilo que se mantinha como singular, como sentido primeiro e característico da obra literária, obra que deu origem ao filme.

“Na obra de Jane Austen, Orgulho e Preconceito, esse episódio [uma cena do filme transcrita pelo aluno] se estende por quase três capítulos e a visão que o Sr. Bennet tem sobre as filhas fica mais evidente. Além disso, é por meio dessa passagem que se conhece as características de cada personagem, principalmente, dos pais das meninas.

No filme, não é possível descrever o caráter das personagens, como ocorre no livro, por isso, é através dos diálogos que percebemos os traços de cada pessoa. Nessa cena, em especial, a brincadeira feita pelo Sr. Bennet de ocultar o fato de ter visitado o Sr. Bingley, foi apenas para deixar a mulher preocupada e revela o caráter dessa personagem descrita no livro [...].

A montagem dessa parte do filme foi essencial para caracterizar as personagens da história, e por isso, foi necessário reproduzi-la de forma bastante fiel ao texto escrito. No entanto, algumas questões foram deixadas de lado nesse momento, mas foram recuperadas em outras partes da obra cinematográfica.

[...] Todo esse episódio se passa em poucos minutos na história dessa família, no filme, e acontece após a visita do Sr. Bennet ao Sr. Bingley. No livro, essa passagem leva alguns dias de insistência da Sra. Bennet, até o momento da visita e da notícia da ocorrência dela. Além disso, um fato interessante a esse respeito é que, no livro, o leitor já sabe da visita antes do Sr. Bennet revelá-la à família. [...] No filme, o espectador sabe da visita juntamente com as mulheres da casa o que, mais uma vez, colabora para a construção das personagens da história.”

Neste trecho do texto produzido pelo aluno, observamos que ele conseguiu descrever e explicar o porquê de cada elemento transposto do livro para o filme, em seu recorte, justificando esta transposição pelas especificidades da linguagem fílmica: mostrou o singular determinado pela obra original e sua reescrita em outra linguagem, a do filme, que não foi de desaparecimento desses elementos; também, discerniu sobre a criação a partir desses elementos: um texto outro, de chegada, um filme resultante de um ato criativo a partir de um texto de partida, a obra literária.

4.2 Segunda atividade:

De forma simples, a segunda atividade consistiu na leitura de poemas: expressão escrita para a expressão oral.

Ler e ouvir textos em versos, poemas, possibilita-nos a reescrever o poema a partir do ritmo e do andamento que damos ao mesmo. Assim, a leitura de poemas, da escolha de cada aluno, consistiu nesse encontro com duas reescritas de um mesmo texto: quando da escrita para a oralidade na leitura dos poemas, cada um imprimiu seu ritmo, sua entonação ao que lia, definido não na escrita, mas nas relações que traziam a possibilidade dessa leitura, essa transposição.

4.3 Terceira atividade:

Das atividades que mencionamos, esta foi a que teve como objetivo, unicamente, transpor um elemento singular de um tema de uma linguagem para outra, de um texto a outro. Foi solicitado, aos alunos,

⁴ Vale ressaltar, que a atividade anterior a esta foi acerca da construção do roteiro cinematográfico, introduzindo os alunos na linguagem fílmica.

que criassem apresentações a partir de um texto base mostrando diferentes possibilidades de leituras e escritas desse texto base.

Nesta atividade, um dos trabalhos apresentados abordava o tema *realidade paralela/realidade virtual*. Ao iniciar seu trabalho, o aluno fez o seguinte esclarecimento acerca de seu tema: “*Me faltou a palavra. Multiverso foi a palavra mais próxima que encontrei.*”

Esta fala mostra uma das possibilidades dentro do ato de traduzir: palavras vão sempre faltar dado que a língua não dá conta de tudo, seja em que idioma for e os sentidos de um texto são sempre retomados pela aproximação e nunca pela exatidão entre os termos e sentidos.

Os trabalhos apresentados variaram enormemente de temas, indo da realidade virtual, passando por temas literários e temas abstratos como o amor, a morte, entre outros.

Remeteremo-nos, brevemente, a um dos trabalhos, como emblemático da atividade, por transitar por diferentes linguagens, mantendo, sempre, o elemento singular, definidor do tema.

Esse trabalho trouxe como tema a traição, tendo como texto base, a história de Judas Iscariotes e sua traição a Jesus, a partir dos evangelhos do novo testamento. Foram expostas diferentes narrativas da traição de Judas, desde aquelas que falavam sobre sua inocência até aquelas que supunham ter sido, a traição, um acordo com o próprio Jesus, isto apenas nos textos religiosos. Também, o aluno abordou a tradição ocidental da malhação do Judas no sábado de aleluia, onde o objetivo é malhar um Judas representativo de pessoas públicas que traíram algum princípio ético, seja na política ou na sociedade em geral; também abordou a traição de Judas como foi retratada em filmes como ‘Jesus SuperStar’ e ‘A paixão de Cristo’; foi mostrada, também, a transposição do texto bíblico para a pintura e como vários pintores fizeram sua tradução desse tema para a tela, começando com quadro clássico de Giotto e o beijo de Judas em Jesus, da traição; por fim, trouxe o clipe musical ‘Judas’, da cantora Lady Gaga que, em meio a vários elementos religiosos, leu a traição de Judas como uma característica comum a todos os seres humanos.

Outro recorte, interessante dentro dos trabalhos apresentados, foi sobre o tema Esmeralda, tendo como base a lenda da cigana de olho verde. Uma transposição observada foi para o texto literário de Vitor Hugo – O Corcunda de Notre Dame. Neste trabalho, o elemento singular da personagem era ser cigana. Na obra literária isto é retomado na expressão *desejo nômade*, nos mostrando que um sentido não é retomado por expressões repetidas de correspondência exata na outra língua, mas que cada linguagem oferece elementos para essa tradução do singular: no caso, a linguagem literária trabalha com figuras de linguagem que condensam e deslocam sentidos.

5. Considerações finais

Como foi exposto, a proposta da disciplina Produção Criativa de Textos, do Curso de Tradução, era promover situações em que os alunos pudessem desenvolver sua expressão oral e escrita, por meio da linguagem criativa em diferentes textos. Mais do que textos produzidos, tendo como suporte a língua portuguesa, a ênfase foi sobre a criação como processo, partindo de um texto primeiro, movimento singular do ato de traduzir, sendo fundamental possibilitar aos alunos o manejo dos elementos de linguagem na experiência de transpor o sentido de um texto para outro texto.

6. Referências Bibliográficas

AUSTEN, J. *Orgulho e Preconceito*. Trad. Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

DERRIDA, J. *A escrita e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. Tomo I, São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FUKS, B.B. Tradução: testemunho de uma experiência. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol.43, n.1, 2009, p.69-73.

Orgulho e Preconceito (Pride and Prejudice). Direção: Joe Wright, 127 min; Inglaterra/França/EUA, 2005.

PACHECO, Olandina M. C. de Assis. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SANTOS, O.A.N. Os estudos de Tradução e Jacques Derrida: Afinal, “O que é desconstrução?”. *Tradução & Comunicação. Revista Brasileira de Tradutores*. Vol. 20, ano 2010, p.105-112.